



# Seduzidas e deshonradas

Multiplicam-se, assombrosamente, as notícias de suicídios diários: moças seduzidas pelos namorados, com promessas de casamento.

Impressionou profundamente o espírito público a revelação dos casos referentes á professora Lazara Santos e á menor Virginia Belchior.

Os jornaes procuram tirar a sua responsabilidade, apontada no ruído com que tratam de todos os pormenores, publicando cartas e noticiando os incidentes e particularidades das tragedias amorosas.

Mas, a imprensa é, realmente, quem cultiva, quem incita, quem tem maior culpa no crescendo desses attentados á propria vida.

Os jornaes são feltos sob a rigidez perversa da moral burgueza-capitalista e feltos, na sua maioria, pelos homens, — bem installados na vida sob o ponto de vista sexual, — e, si ha mulheres nas redacções, também ellas pensam e agem dentro da hypocrisia pharisalica e moraltheista dessa moral fossilizada e cheia de crimes. E, pelo código dessa moral, a mulher virgem, que se entrega ao namorado ou ao seductor, não tem outra cousa a fazer senão se suicidar, si é abandonada. E' que, dentro dessa moral, a moça está "perdida", "deshonrada", "desgraçada", e tem de carregar o peso de todos os qualificativos que procuram inutilizar para a vida uma criatura humana.

Nunca a perversidade dos sôres que se julgam racionais foi mais longe do que na concepção estreita de que a mulher (animal seguindo a evolução pela mesma escala zoológica de todos os animaes, com as mesmas necessidades physiologicas e os mesmos direitos de individuos na multiplicação da especie e na liberdade sexual), nunca a maldade humana desceu tão baixo quando decretou que a mulher deve guardar a virgindade para entregal-a ao "esposo", somente dentro da lei, em certo dia determinado pelos paes, pelo escrivão de paz e pelo padre e diante do testemunhas e convidados os quaes ficam sabendo: é naquella noite que se rompe uma pellicula de carne do

somos mais selvagens e tão primitivos quanto os mais primitivos dentro todos os selvagens.

Mas, dentro da moral convencional desses indios civilizados e por isso mesmo mais brutos e mais insaciáveis, o homem tem a sua partilha de leão, não é de admirar. Todavia, o que espanta é a attitudo servil da mulher — a imbecillizada secular —, a sua attitudo mental fechada para perceber a idiotice da moral christã (em nome do Christo quantas barbaridades se commettem!) que quer submettel-a á gehenna das leis mesquinhas dos homens, privando-a da liberdade de governar e dirigir o seu proprio corpo, como o entender, direito que cabe, na escala zoológica, a todos os animaes.

Depois, a educação ou a deseducação feminina e a rotina, a tradição se encarregam do que falta para fechar, num círculo de ferro, o cerebro da mulher e não deixal-o raciocinar e vêr a tutela millenar que a tem submettida pelos preconceitos e pelos dogmas religiosos — exclusivamente para o prazer bestial do sexo forte que, por ser forte, é o mais bem aquinhoado.

Dahi o suicidio de tantas energias bellas e moças — crime praticado pela sociedade legalmente organizada, pela moral pharisalica dos christãos piedosos e caridosos — cujo portavoz é a imprensa burgueza, quer seja governista ou opposicionista, religiosa ou laica. Essas moças nao raciocinaram um instante sequer para perceber também que o nosso coração tem mais de uma primavera, que o amor pode ser renovado, que amamos mais de uma vez na vida, de accôrdo com as nossas etapas de evolução. Não sentiram que as nossas idades de ouro, os 15 annos, os 25, os 30 e os 40 nos ensinam experiencias inéditas e sempre mais bellas progressivamente, e nos dizem cousas lindas atravez das illusões do amor que, em todas as idades, tem a sua perfumada estação de sonhos e de esperanças novas.

Desfeita uma illusão, outra virá, mais bella, povoar de imagens a nossa mente irrequieta, na escalada de



temunhas e convidados os quaes ficam sabendo: é naquella noite que se rompe uma pellicula de carne do seu corpo, chamada hymen.

Que de humilhações tem soffrido a mulher atravez da historia desta humanidade tão deshumana!

E aí daquella que se esquece do protocolo. Si, hoje, não é lapidada, si não é enterrada viva como as vestaes, si não é apedrejada até a morte, si não soffre os supplicios do poviléo fanatico de outros tempos, inventou-se o suicídio: é obrigada a desertar da vida por si mesma, porque a literatura, a imprensa, toda gente aponta-a com o dedo, vociferando o "desgraçada", "perdida", "deshonrada", "deshonesta", abrindo-lhe, no caso contrario, as portas da prostituição barata das calçadas, com todo o seu cortejo de misérias, de syphillis, de bordels, de humilhações, do hospital e da valla commum.

Miseravel moral de coronéis, de covardes e de cretinos! E o homem cresce com as suas aventuras, adquire prestigio, fomas e glorias até mesmo e principalmente entre o elemento feminino.

E' incrível até aonde vai a imbecillidade humana, a perversidade dessa moral christã, tão divorciada do meigo Nazareno: "quem não tiver peccado que atire a primeira pedra".

Dentro da concepção estreita e má dessa moral de escravos e senhores, o mesmo acto praticado por dois individuos de sexo differente tem significações oppostas: a mulher se degrada, torna-se immoral, deshonesta, deshonrada, está desgraçada, perdida irremediavelmente si não encontra um homem para lhe dar o titulo de "esposa" perante a lei e as convenções sociaes, enquanto o homem é o mesmo, talvez tendo adquirido mais valor de estimação perante as proprias mulheres, e sendo invejado pelos outros homens.

Essa moral nada differe da moral de algumas tribus primitivas que os ethnographos de gabinete estudam com curiosidade e admiração, esquecendo-se de que nós, os civilizados,

Desfeita uma illusão, outra virá, mais bella, povoar de imagens a nossa mente irrequieta, na escalada de uma evolução mais alta.

E si uma experiencia amorosa nos deixa o travo da amargura, é, por sua vez, degráo para subir os visos de uma illusão maior.

Não perceberam que a moral burguezia-capitalista fez, de uma pellicula da carne feminina uma religião, a hymenolatria, pela qual sacrificam a mulher no altar dos prazeres para o sexo masculino.

Não viram que a liberdade sexual do homem é illimitada, que elle não se considera perdido por isso, que se não desgraça porque usa e abusa dessa liberdade e que não é natural nem justo uma moral para cada sexo.

E a eterna tutelada, a idiota milenar ainda hoje, em pleno seculo de tantas reivindicações femininas, se esquece da mais importante das suas reivindicações — a de ser dona do seu proprio corpo, a da sua liberdade sexual, a de ser humano com direito á alegria de viver.

E suicida-se porque é "seduzida", porque a "desgraçaram", porque está "perdida".

Santa ingenuidade!

Porque pôr fim á sua "vergonha", si isso que os jornalistas fossilizados ou perversos chamam de "vergonha" não é mais do que a iniciação em a mais bella das Leis Cosmicas, das Leis Naturaes, a Lei da multiplicação da especie, o "abc" da Lei Maxima: a Lei do Amor, a Lei da Harmonia Universal?

E é desprezando as Leis Naturaes, as Leis não escriptas — que os homens, servindo a interesses tão egoistas, tão pequeninos, escrevem e legislam as suas leis de uma perversidade lamentavel, encurralando o coração humano na jaula de ferro de uma "justiça" de fogo, matando a sensibilidade das criaturas na aridez de uma moral fria, sem alma, tórpe, assassina de milhões de victimas sacrificadas no templo do Moloch dos preconceitos sociaes.

Pobre humanidade!

*Maria Jacerda de Moura.*